

## **PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE NA CAATINGA: UMA EXPERIÊNCIA EM ASSENTAMENTO RURAL**

Clara Medeiros Fagundes<sup>1</sup>; Isabel Sousa da Fonseca e Silva<sup>2</sup>; Wendy Mattos Andrade Teixeira de Souza<sup>3</sup>; Tatiane Kelly Barbosa de Azevedo Carnaval<sup>2</sup>

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte<sup>1-4</sup>, [claramfagundes@hotmail.com](mailto:claramfagundes@hotmail.com)<sup>1</sup>, [isaaou@gmail.com](mailto:isaaou@gmail.com)<sup>2</sup>, [wendymattos.a@gmail.com](mailto:wendymattos.a@gmail.com)<sup>3</sup>, [tatianekellyengenhaira@hotmail.com](mailto:tatianekellyengenhaira@hotmail.com)<sup>4</sup>*

### **Introdução**

Estudos mostram que mais de 33% da cobertura da Terra é ocupada por áreas áridas e semiáridas (REYNOLDS, 2001), e com as mudanças climáticas que estão ocorrendo esse número tende a aumentar (SCHLESINGER et al. 1990), aliado a isso ainda há as ações antrópicas, como queimadas e desmatamentos para dar lugar às áreas de plantação, em que predomina fortemente a monocultura, e as pastagens, uso inadequado do solo, água e vegetação, o que torna este quadro ainda mais preocupante (PUIGDEFABREGAS & MENDIZABAL, 1998). Devido a sua alta fragilidade, a restauração ecológica nesses ambientes semiáridos é de suma importância, sendo tida pela Sociedade para a Restauração Ecológica como um processo de assistência à recuperação de um ambiente que tenha sido degradado, danificado ou destruído (SER, 2004), além de ser de extrema importância para evitar e combater a desertificação (REYNOLDS, 2001).

Os ecossistemas ditos degradados são aqueles que perderam sua resiliência (capacidade de recuperação natural) após distúrbios, que muitas vezes, são decorrentes do manejo inadequado do homem (MARTINS, 2004). Dependendo da intensidade do distúrbio, alguns fatores essenciais para a manutenção da resiliência, a exemplo do banco de plântulas e de sementes no solo, bem como a capacidade de rebrota das espécies podem ser perdidos, dificultando o processo de regeneração natural ou tornando-o extremamente lento (MARTINS, 2001).

O papel do extensionista é de complementar as atividades dos centros de pesquisa públicos e privados, servindo de elo entre produtores e pesquisadores, construindo o saber por meio de uma metodologia participativa, permitindo a ação efetiva dos participantes no processo educativo. Tal metodologia implica em uma ação multidisciplinar, no intuito de contribuir diretamente na construção do saber entre os envolvidos para o desenvolvimento tecnológico e socioeconômico de comunidades rurais

do semiárido, constituindo uma alternativa para a conservação dos recursos naturais da Caatinga.

A extensão rural possui um objetivo de natureza diversa, sendo um deles o de melhorar as condições de vida dos camponeses, com uso de tecnologias já utilizadas por outros produtores, e em especial aquelas criadas nos centros de pesquisa e testados nas estações experimentais.

Para fazer valer a construção e realização de uma metodologia participativa é preciso que o extensionista ou facilitador desse processo seja capaz de compreender a realidade dos camponeses, entender suas complexidades e, acima de tudo, acreditar que as mudanças locais e individuais são essenciais para as transformações globais, transmitindo o valor e importância das pequenas ações de cada agente (KUMMER, 2014); é instigar e promover a participação ativa dos envolvidos, podendo proporcionar melhorias nas suas condições de vida.

Assim, o objetivo do presente trabalho é empregar uma metodologia participativa, na construção do saber, no que concernem as questões ambientais, com foco na recuperação de áreas degradadas, valorizando as espécies florestais nativas da Caatinga, a partir da coleta de sementes e armazenamento das mesmas, sugerindo e estimulando aos assentados a criação de um banco ou casa de sementes comunitária, importante alternativa para a preservação da biodiversidade, já que com isso há um resgate e valorização do patrimônio genético ali presente; propondo também a aplicação de técnicas empregadas nos sistemas agroflorestais.

## **Metodologia**

Foram realizadas visitas mensais ao Assentamento Rural Trangola, localizado no município de Currais Novos, no Estado do Rio Grande do Norte, com o objetivo de promover encontros entre discentes e docentes do curso de Engenharia Florestal com os agricultores familiares assentados (envolvendo homens e mulheres de todas as faixas etárias) para tratar de técnicas da engenharia florestal, visando a busca pela sustentabilidade dos moradores locais.

Nos encontros foram realizadas metodologias participativas, como palestras expositivas e rodas de conversa, bem como ida ao campo para realização de coleta de sementes, produção de mudas nativas, plantio, ressaltando a importância das espécies arbóreas do ponto de vista ecológico e econômico, dentre outras, buscando utilizar da experiência científica e tecnológica como recurso

direto no desenvolvimento sustentável da região semiárida, podendo com isso melhorar e preservar os recursos florestais, a fim de torna-la novamente uma área produtiva, beneficiando as questões sociais, econômicas e ambientais das famílias agropecuaristas.

Para tanto, procuramos identificar os problemas vividos, através de conversas e questionamentos com os assentados, como a destinação dada ao lixo produzido por eles, proliferação de pragas e doenças nas culturas (exemplo da palma forrageira que vem sendo fortemente atacadas por cochonilhas), do potencial invasor de espécies exóticas ali instaladas.

Assim, buscamos resgatar a história e costumes dos camponeses, como o uso de plantas medicinais, demonstrando o quão valioso é este saber, através do registro filmado deste conhecimento etnobotânico e de trocas de experiências; a importância das sementes florestais e seu armazenamento, bem como práticas sustentáveis de agricultura, mostrando em campo e propondo técnicas de poda aplicadas nos sistemas agroflorestais.

## Resultados e discussão

A partir dos encontros realizados com os assentados, percebemos que a maioria deles se mostraram bem interessados com as temáticas abordadas, pois várias intervenções e perguntas foram feitas pelos mesmos durante as palestras expositivas (Figura 1). Ao abordarmos o tema das sementes florestais, em que tratamos dos cuidados na coleta, época de colheita, beneficiamento, limpeza, secagem, armazenamento, dormência, germinação e importância das sementes florestais; surgiram várias perguntas a respeito das espécies que estavam sendo mostradas, levamos algumas amostras de sementes variadas, as quais tiveram interesse em ficar com elas e identificar cada espécie.



**Figura 1.** Palestra expositiva sobre sementes florestais, no Assentamento Trangola. Fonte: Acervo do autor.

Dentro desta temática, propomos a criação de um banco ou casa de sementes comunitária, podendo estocar sementes florestais para produção de mudas, trocar sementes, estimulando assim o aumento da diversidade e interação com outras comunidades e até mesmo comercialização das mesmas, podendo ser uma alternativa de fonte de renda para a região semiárida, tal proposta foi aceita pelos assentados. Assim, no dia seguinte fomos a campo coletar sementes de espécies nativas da Caatinga (Figura 2), onde pudemos trocar saberes e experiências a respeito do uso das plantas, como exemplo dos usos de plantas medicinais para tratamentos de diversas doenças.



**Figura 2:** Ida ao campo para coleta de sementes de espécies nativas da Caatinga. Fonte: Acervo do autor.

As idas ao campo foram extremamente valiosas em vários sentidos, pois assim podemos conhecer um pouco mais a área em que vivem, a realidade e identidade da comunidade, através de relatos da história de vida deles, do tempo em que trabalhavam para fazendeiros nos plantios de algodão; poder conhecer seus inusitados costumes, como ouvir “a chuva” através do curioso ato de deslizar a mão sobre os espinhos do cacto-facheiro, percebendo a sensibilidade e a relação que os camponeses têm com a natureza que os rodeia e como eles valorizam o lugar que vivem.

Nos encontros, buscamos identificar as problemáticas ambientais vividas no assentamento e verificamos a questão do lixo, de modo que pelo fato de não haver coleta seletiva por parte da prefeitura os camponeses, a contra gosto, queimam o lixo seco (plásticos, metais e papéis) que produzem, já o lixo orgânico é destinado aos animais. Com isso, pudemos alertar a comunidade da importância não só do reaproveitamento de embalagens, reciclando o lixo e diminuindo os descartes, como também de fortalecer a participação e interesse nas reuniões em prol dos assuntos coletivos, a fim de se tornarem sujeitos políticos ativos, almejando mudanças no comportamento dos

assentados, para que estejam cada vez mais aptos a se autogerenciar, fazendo uso dos seus direitos.

## **Conclusões**

A partir dessa vivência no assentamento rural percebemos a importância da atividade de extensão na formação do discente, visto que contribuiu para uma melhor compreensão da realidade de quem vive na região semiárida, onde pudemos trocar conhecimentos e experiências e aplicar a tecnologia e pesquisa para contribuição da melhoria de vida dos camponeses, podendo assim colaborar diretamente na recuperação do bioma Caatinga.

Concluimos que estabelecer e fortalecer vínculos entre a comunidade científica e as comunidades rurais é essencial no processo de busca pelo desenvolvimento sustentável do local, sendo bastante válida essa troca e construção conjunta do saber, no intuito de enfrentar os desafios na recuperação de áreas degradadas, no combate a desertificação, para assim minimizar os efeitos da seca para melhor conviver com este fenômeno climático que é natural de tais regiões.

**Palavras-chave:** Extensão rural; construção do saber; sustentabilidade.

## **Fomento**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Programa de Pós Graduação em Ciências Florestais – PPGCFL, Escola Agrícola de Jundiá – EAJ, Laboratório de Tecnologia de Produtos Florestais – LTPF.

## **Referências**

REYNOLDS, J.F. Desertification. In: Levin, S.A. (Ed.), **Encyclopedia of Biodiversity**, vol. 2. Academic Press, London, p. 61-78, 2001.

MARTINS, S. V. **Recuperação de matas ciliares**. Viçosa, MG: Aprenda Fácil Editora, p. 146, 2001.

MARTINS, S. V. **Recuperação de matas ciliares**. 1. Ed, Viçosa, MG: Aprenda Fácil Editora, v. 1. p. 255, 2004.

KUMMER, Lydia. **Metodologia participativa no meio rural: uma visão interdisciplinar**.: conceitos,

ferramentas e vivências. Salvador: Ebda, p. 13-18, 2007.

PUIGDEFABREGAS, J. & MENDIZABAL, T. **Perspectives on desertification: western Mediterranean.** Journal of Arid Environments 39: p. 209-224, 1998.

SCHLESINGER, W. H.; REYNOLDS, J.F.; CUNNINGHAN, G.L; HUENNEKE, L.F.; JARREL, W.M.; VIRGINIA, R. & WHITFORD, W.G. **Biological Feedbacks in Global Desertification.** Science 247: 1043-1048. 1990.

SOCIETY FOR ECOLOGICAL RESTORATION INTERNATIONAL SCIENCE & POLICY WORKING GROUP (SER). **The SER International Primer on Ecological Restoration**, 2004. Disponível em: [www.ser.org](http://www.ser.org). Acesso em: 15 de março de 2017.